

## INTRODUÇÃO

---

1. *Como muitos outros conceitos, a agressão não tem um significado unívoco, sobretudo desde que a psicologia dele se apropriou.*

*Catalogada no índice das tendências instintivas do homem desde Empédocles a Nietzsche, a agressão esteve no centro de todas as questões teológico-filosóficas sobre o sentido do Mal, e foi subtilmente ladeada nas utopias que têm pontuado o discurso histórico do Ocidente, desde Thomas Moore e Campanella, a Fourier.*

*A problemática da legitimidade dos governos e do fundamento da autoridade política renova, nos filósofos sociais dos séculos XVII e XVIII, a questão da natureza humana: Hobbes, no Leviathan, defende a natureza essencialmente agressiva do homem, explicável no contexto de um conflito de desejos: a preservação da liberdade individual e a necessidade de domínio sobre os outros homens. Este conflito só poderá ser ultrapassado pela criação de um contrato social em que o homem se abandone a um poder soberano que zele pela sobrevivência. O poder totalitário e a tirania podem ficar assim justificados.*

*Também Locke preconiza um contrato social que, instituindo o poder judicial independente da monarquia, harmonize os juízos individuais. Mas agora, o homem dispõe de uma natureza essencialmente virtuosa, que lhe permitirá viver numa sociedade não totalitária. Tanto em Hobbes como em Locke o homem tem pois uma natureza inata — agressiva ou virtuosa — largamente responsável pelos comportamentos sociais.*

*Rousseau vai defender, no Êmile, que o homem não nasce bom nem mau; é um organismo maleável moldado fundamentalmente pelo ambiente. Daí a importância que atribuiu à educação da criança que, deixada no estado natural, não passaria de um monstro. O Contrato Social que Rousseau vai advogar reflecte idêntica preocupação com a regulação do comportamento agressivo no seio dos grupos humanos: o poder divino da monarquia cede lugar à soberania da vontade de*

*todos. Só ela pode proteger os indivíduos, unindo-os através de objetivos comuns e deixando-os simultaneamente livres como pessoas.*

*2. Embora não tenhamos qualquer pretensão em postular uma relação causal entre o pensamento da filosofia social dos séculos XVII e XVIII e as teorias da agressão do século XX, pensamos, no entanto, que a elaboração do conhecimento não se processa no vácuo histórico.*

*As ciências biológicas, comportamentais e sociais do nosso século incluíram no seu objecto a compreensão da génese e regulação dos comportamentos agressivos, bem como a sua articulação com as restantes dimensões do comportamento humano. Mas os postulados que sustentam as diversas propostas teóricas não parecem diferir substancialmente daqueles que encontramos nos filósofos sociais: a natureza humana inclui dispositivos genéticos agressivos com funções de sobrevivência dos indivíduos e da espécie (Freud e os etologistas), ou os comportamentos agressivos decorrem de estimulações ambientais mediadas por processos reactivos ou de aprendizagem (a teoria frustração-agressão de Dollard et al., a teoria da aprendizagem social de Bandura).*

*Iniciamos exactamente este número de PSICOLOGIA dedicado à «Agressão e Violência Social», com dois artigos que questionam dois dos grandes modelos teóricos que visam explicar os comportamentos agressivos: o modelo etológico, aqui analisado por Luís Soczka e Bracinha Vieira, e a teoria frustração-agressão, cuja revisão é feita por Jorge da Glória. Trata-se de dois modelos bem diferenciados no seu posicionamento científico e nas suas hipóteses sobre a génese da agressão. A importância que qualquer um destes modelos adquiriu na psicologia, e a divulgação de que têm sido objecto, conduziram-nos a propor ao leitor uma reflexão sobre o seu alcance e as suas limitações científicas.*

*3. Do ponto de vista da investigação empírica, os trabalhos sobre a agressão são muito numerosos e diferenciados, como diferentes são as hipóteses teóricas e as problemáticas concretas donde partem e com que se confrontam os investigadores que incluíram a agressão nos seus domínios de estudo.*

*Apresentamos neste número de PSICOLOGIA três trabalhos de investigação empírica onde se retomam algumas das questões que mais têm preocupado os psicólogos e os psicólogos sociais que estudam a agressão: a ligação entre a personalidade e as respostas agressivas, as significações da violência, os comportamentos impulsivos em situação colectiva.*

*Existente uma personalidade agressiva? Que dimensões da personalidade ocorrem em simultaneidade com o comportamento agressivo? Estas são as questões analisadas no artigo de Maria Benedicta Monteiro.*

*A compreensão da dinâmica dos comportamentos agressivos ou violentos supõe que se conheçam as significações que para os sujeitos*

reveste a violência. *Que dimensões cognitivas estão na base da apreensão da violência? Que diferenças manifestam os grupos sociais na forma como representam a violência? Jorge Vala procedeu a um estudo sobre a representação social da violência, que incluímos neste número.*

*Os comportamentos colectivos ou das multidões têm sido analisados pela Psicologia Social em termos de processos intra-individuais e interpessoais. Recentemente, alguns psicólogos sociais propuseram hipóteses de análise destes mesmos fenómenos numa perspectiva menos intra-individual e mais sociológica. O texto de Jaap Rabbie que apresentamos situa-se neste último ponto de vista, e permite-nos interrogar as explicações tradicionais dos comportamentos impulsivos e agressivos das multidões.*

*Pensámos também que seria fecundo para a reflexão que propomos ao leitor sobre a Agressão e Violência Social, escutar o ponto de vista da Sociologia, nomeadamente da Sociologia Política. Com este objectivo apresentamos um texto do sociólogo Serras Gago.*

4. *Temos talvez a ideia de que vivemos numa época que, mais do que nenhuma outra, é marcada pela violência. Basta, no entanto, lançar um olhar sobre a História, para verificarmos que a violência habitou todas as civilizações e épocas históricas, que ela é um fenómeno humano. A diferença estará talvez no facto de que hoje, mais do que nunca, o espectáculo da violência se nos tornou intolerável. À nossa percepção da violência não é estranha a dessacralização da vida social e o progresso das instituições de regulação social.*

*Como psicólogos, somos particularmente sensíveis às manipulações da violência que se inscrevem na nossa própria intervenção e nas instituições em que trabalhamos. Na impossibilidade de fazer um levantamento exaustivo de todas as dimensões da violência que atravessam o nosso trabalho, apresentamos três textos de reflexão sobre aquelas que nos pareceram particularmente significativas do ponto de vista da sua expressão social: a violência na relação terapêutica (Daniel Sampaio e A. Lobo Antunes), a violência e as prisões (Miguel Alves), a violência e as instituições psiquiátricas (J. Azevedo e Silva).*

5. *Não pretendemos fornecer ao leitor um ponto de vista unidimensional sobre a violência e a agressão. Porque se trata de um fenómeno multidimensional, para o compreender são necessários diferentes tipos de abordagens, diferentes linguagens científicas. Não poderíamos rever, porém, num espaço como este, todos os percursos que a Psicologia tem aberto, ora isoladamente, ora em convergência com outras ciências humanas e sociais, na tentativa de explicar a agressão. Pensamos, no entanto, que proporcionamos ao leitor um leque de textos, que representam uma boa parte da reflexão necessária sobre tão importante fenómeno individual e social*